



## **Editorial**

### **Interdisciplinaridade na saúde pública: os dilemas da complexidade**

Rogério Parentoni Martins<sup>1</sup>

Recebi o convite do editor-chefe Wanderley Novato para escrever esse editorial sobre o tema deste novo número, em uma época em que a ordem (ou desordem?) das relações sociais de várias naturezas foi perturbada em decorrência da pandemia ocasionada pelo novo corona vírus.

Optei por um texto mais provocativo com o objetivo de estimular discussões sobre um tema controverso, menos nas ciências humanas e mais intensamente nas ciências naturais, onde o reducionismo ainda é soberano especialmente devido à sua capacidade de resolver problemas sociais práticos (e às vezes criar outros). Aproveito para contextualizar a discussão a esses momentos singulares que experimentamos em consequência da pandemia.

Adaptar-se às consequências de uma virose pouco conhecida pelos profissionais da área médica e cientistas da área de saúde, especialmente virologistas, infectologistas e epidemiologistas, traz muita apreensão. Essa apreensão não atinge apenas as autoridades do poder público, responsáveis pela condução de políticas públicas adequadas a essa nova situação, mas também atinge de várias formas a população em geral, que, alvo principal da convergência de todas as medidas protetivas, sente-se perdida em meio a avalanche de informações impossíveis de serem digeridas e transformadas em ações práticas contra a transmissão do vírus. Resta a toada diária: “lavar as mãos, usar álcool-gel e máscaras”, enquanto pelas ruas transitam mascarados e caras limpas desinformados, incrédulos e alheios à gravidade da pandemia.

Essa incompreensão sobre a gravidade da pandemia torna-se ainda maior quando epidemiologistas e matemáticos apresentam na mídia os resultados de suas simulações matemáticas e estatísticas. Houve quem dissesse que todos os modelos matemáticos e

---

<sup>1</sup> Graduado e licenciado em História Natural pela UFMG, com mestrado e doutorado em Ecologia pela UNICAMP, e pós-doutorado na Universidade da Florida, Gainesville, EUA. Pesquisador-visitante I CNPq no Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

estatísticos são errados, mas alguns são úteis. Porém, a utilidade dos modelos depende de uma base confiável de dados empíricos que permitam simular previsões mais acuradas sobre o comportamento da pandemia. No entanto, resta aos matemáticos e estatísticos utilizarem os dados oficiais dos órgãos públicos, sabidamente insuficientes.

Em uma entrevista, um desses matemáticos tentava explicar como seu modelo funcionava. O modelo considerava apenas o crescimento do número de óbitos supostamente causados pelo Covid-19. Os entrevistadores se esforçavam para aparentar serenidade e compreensão, mas após as respostas do professor às suas perguntas, suas faces revelavam que não estavam entendendo absolutamente nada. Essa incompreensão vem do fato de quem entrevista espera uma resposta clara e efetiva, tipo sim ou não. Dessa forma, espera transmitir aos espectadores informações seguras para que esses se sintam menos apreensivos em uma situação de muitas incertezas e temores.

No entanto, os matemáticos e epidemiologistas fazem seu serviço como o que têm à mão e só podem dar respostas parciais, mas que não deixam de ser importantes. Seus modelos têm de ser necessariamente simples, senão se tornam inoperáveis, quando não totalmente inúteis. Por exemplo, qual seria o comportamento da pandemia, além do crescimento diário do número de óbitos, tendo em vista diferenças de faixas etárias, gênero, classes sociais ou religiões professadas? As respostas às influências dessas diferenças no comportamento da virose exigiriam o aporte de estudos mais demorados sob abordagem multidisciplinar. Porém, a situação exige respostas rápidas que serão necessariamente parciais, as quais não serão proporcionadas por meio desses tipos de estudos, que requerem prazos maiores para chegar a algumas conclusões que possam ser aplicadas com alguma segurança.

Apesar das limitações comentadas acima, essa situação específica parece-me adequada para introduzir discussões sobre os fundamentos teóricos da interdisciplinaridade e seus desdobramentos práticos. Porém, é bom lembrar, que a sociedade leiga em geral não se interessa sobre os detalhes de como a ciência funciona, quer que ela funcione.

Uma das dificuldades mais reconhecidas, que se antepõem ao desenvolvimento teórico e conseqüente aplicação da interdisciplinaridade, é a excessiva especialização do conhecimento, a fragmentação do saber. Aqui cabe ouvir Maria Cecília de Souza Minayo em um artigo publicado em 1994 (*Saúde e Sociedade* 3, 2: 42-64). Ela discute se a interdisciplinaridade seria utopia ou teria alguma funcionalidade. Em suas conclusões, Minayo aponta a dificuldade epistemológica de se definir consensualmente interdisciplinaridade. Ora, quem dispõe de várias definições para um mesmo conceito, não dispõe de definição alguma.

Uma definição consensual e explícita é sobretudo necessária para conduzir não apenas os estudos teóricos, mas também para a comunicação e aplicação prática efetivas desses estudos.

Outra conclusão da pesquisadora, óbvia, é a de que o êxito prático da interdisciplinaridade depende de profissionais capazes de dialogar e com disposição em fazê-lo. Minha curta experiência de 4 anos em reunir semanalmente profissionais capazes e com aparente disposição ao diálogo, mostrou-me algumas vezes que os ânimos se exaltavam e ocorria a alguns dos colegas a necessidade de impor suas ideias disciplinares. O resultado, nessas ocasiões, era que o diálogo esmaecia, a reunião terminava e cada qual retornava a seu “gueto” disciplinar.

Um aspecto importante que também não contribuía para a evolução da discussão, era que para todos nós esse encontro parecia algo como atividade diletante, sem a conotação de compromisso em apresentar soluções para resolução de problemas práticos. O trabalho interdisciplinar requer muitas horas de discussão e estudos para que alcance objetivo prático.

Em outro trabalho mais recente (*Emancipação*, Ponta Grossa, 10(2): 435-442, 2010. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>), Minayo esclarece as diferenças entre multidisciplinaridade e interdisciplinaridade. Baseia-se nas ações dirigidas a um foco para resolução de um problema complexo, o qual precisa do aporte de vários profissionais, como é o caso muitas às vezes em saúde coletiva. No caso da multidisciplinaridade, cada profissional dispõe de seu conhecimento disciplinar para resolver parte do problema. Em conjunto, espera-se alcançar a melhor solução para resolução do problema complexo. Dessa forma, não ocorrerá interação interdisciplinar que, na definição de Minayo, significaria a articulação de várias disciplinas cujo foco é o objeto ou problema complexo, para a resolução do qual não bastaria a resposta de uma área de conhecimento apenas. Desse modo definida, a interdisciplinaridade não se diferenciaria da multidisciplinaridade: essa necessita igualmente de articulação e da cooperação de várias disciplinas. Assim, como poderíamos perceber que a interdisciplinaridade seria mais efetiva do que a multidisciplinaridade para a resolução de problemas práticos, considerando-se também as dificuldades comentadas anteriormente nesse texto?

Avança na questão, Minayo: “A interdisciplinaridade deve estar presente na definição de objeto, na discussão dos vários conceitos, e nas propostas metodológicas e técnicas. Nesse sentido, a interdisciplinaridade não *configura uma teoria ou um método novo*: ela é uma *estratégia* para compreensão, interpretação e explicação de temas complexos”. Como seria efetiva essa estratégia, desde que não é um método ou uma teoria nova?

Como alguém que estuda e defende há tempos a importância da interdisciplinaridade na ciência, faço neste momento o papel de advogado do diabo para dizer que não consigo ainda entender as vantagens práticas da interdisciplinaridade: por que ela seria mais efetiva para resolver problemas práticos da área de saúde coletiva ou em outra área complexa?

Finalmente, a autora merece crédito quando no último parágrafo não esconde as suas próprias dificuldades para realização exitosa de um trabalho interdisciplinar na resolução de problemas práticos complexos: “É óbvio que tudo o que disse aqui está na ordem do teórico. Pois eu própria não sou capaz de fazer o que digo com perfeição, meu trabalho é questionável e o de cada um de nós também sempre será. Porque nosso processo de conhecimento não acaba, nem quando a gente faz 60 e nem 70 anos. Se a gente não morreu dá para mudar, se não morreu dá para ficar mais auto-organizado, se não morreu dá para ficar mais complexo e se a gente morreu volta para a natureza para aumentar a complexidade da biosfera, o grande ser vivo do universo”. Concordo com Minayo, que é mais fácil teorizar do que aplicar a teoria que, nesse caso, não me parece com potencial sequer para avançar o conhecimento, nem como ferramenta para resolver problemas práticos.

Retorno à Covid-19 para afirmar que a resolução da pandemia depende inicialmente da descoberta de uma vacina efetiva e, de forma complementar, “chovendo sobre o molhado”, a adoção de políticas públicas inclusivas mais eficazes nas áreas de saúde pública, educação e economia. Quem viver verá...